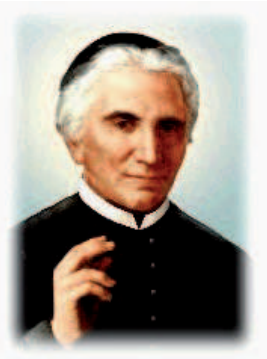


Vivere Insieme

FAMÍLIA DA PROVIDÊNCIA



sumário

PAPA FRANCISCO AOS RELIGIOSOS

Papa Francisco nunca deixa de nos surpreender com a simplicidade e profundidade das suas palavras que nos chamam sempre ao essencial, e pelo seu exemplo de vida.



DONS EXTRAORDINÁRIOS

Alguns testemunhos dos dons extraordinários de que Padre Luís era rico também em vida; são uma prova que torna ainda mais viva a nossa confiança na sua intercessão, agora que vive na plenitude da glória.



A GRANDE GUERRA NA VIDA E NO TRABALHO DAS IRMÃS DA PROVIDÊNCIA

Enquanto o mundo comemora os 100 anos da primeira guerra mundial, coloquemos os holofotes na força da caridade que as nossas irmãs viveram durante esses terríveis anos.



COMO A VIÚVA DE SAREPTA

A Província da Itália à luz da experiência do profeta Elias. Sempre é verdade que a Palavra de Deus fala à nossa vida e nos ilumina o caminho!



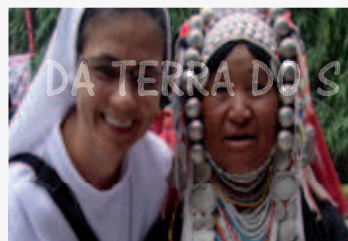
A 'MESTRA' GINA

Gina, a garota rom de Scampia, oferece-nos um belo exemplo de lealdade, altruísmo e gratidão: os pequenos sabem realmente evangelizar!



DA TERRA DO SORRISO

As irmãs da comunidade de Chiang Saen na Tailândia, oferecem-nos um breve relato dos três anos de vida e de missão naquela terra: Louvemos a Deus por este novo caminho!



UMA MÃE E DOIS FILHOTES

Através da linguagem figurada da fábula, podemos ler uma experiência concreta da presença providencial de Deus na vida dos nossos destinatários.

COMUNIDADE PROVIDÊNCIA EM PAUDALHO

Lendo o quanto escrevem as irmãs do Brasil, nós podemos fazer uma visita virtual à nova comunidade "Providência" na cidade de Paudalho.

DIZER DEUS NO RELACIONAMENTO

Este é um artigo interessante e desafiador do Padre Paolo Boschini, sacerdote da Igreja de Modena e membro da equipe editorial da revista "Missione oggi".

NOTÍCIAS EM BREVE

Do Togo, duas breves notícias exprimem a vitalidade da vida no Centro de Ahepé e a alegria por três jovens que iniciaram o noviciado.

Do Brasil, a comunicação da abertura de um novo Noviciado Interprovincial, experiência de comunhão e de partilha.



PAPA FRANCISCO AOS RELIGIOSOS

Aqui estão algumas interrogações que o Papa Francisco dirigiu aos religiosos/as em vários encontros. Os acolhamos como dirigidos a cada uma de nós e então os façamos tesouro para a nossa vida.

ALEGRIA

Queria dizer-lhes uma palavra e a palavra é: alegria. Sempre onde estão os consagrados, os seminaristas, as religiosas e os religiosos, os jovens, há alegria! É a alegria do frescor, é a alegria de seguir Jesus; a alegria que nos dá o Espírito Santo, não a alegria do mundo. Há alegria! Mas onde nasce a alegria?

COERÊNCIA

É uma responsabilidade, antes de tudo dos adultos, dos formadores: ser um exemplo de coerência para os mais jovens. Queremos jovens coerentes? Somos nós coerentes! Do contrário, o Senhor dirá o que Ele dizia aos fariseus ao povo de Deus: "façam o que falam, mas não o que eles fazem!". Coerência e autenticidade!

INQUIETUDE DO AMOR

Podemos nos perguntar: estou inquieto por Deus, para anuncia-lo, para torná-lo conhecido? Ou me deixo fascinado por um mundanismo espiritual que empurra a fazer tudo pelo bem a si mesmo? Nós consagrados não devemos pensar nos interesses pessoais ao funcionalismo das obras, ao carreirismo. Por assim dizer, já me "acomodei" na minha vida cristã, na minha vida sacerdotal, na minha vida religiosa e também na minha vida de comunidade, ou conservo a força da inquietude para Deus, para a sua Palavra, que me leva a "sair", para os outros? Olhe no profundo do seu coração, olhe no íntimo de si mesmo e se pergunte: você tem um coração que quer algo de grande ou um coração adormecido pelas coisas? O seu coração conservou a inquietação da busca ou se deixou sufocar pelas que acabam em atrofia-lo? Deus te espera, te procura: qual é tua resposta? Se deu conta desta situação de sua alma? Ou então dorme? Você acredita que Deus espera, ou para você estas verdades são ape-



nas "palavras"?

Como estamos com a inquietude do amor? A inquietude do amor sempre empurra para ir ao encontro do outro, sem esperar que o outro demonstre a sua necessidade. A inquietude do amor nos dá o dom da fecundidade pastoral, e cada um de nós deve se perguntar: como está minha fecundidade espiritual, minha fecundidade pastoral?

AUDÁCIA

Uma fé autêntica implica sempre um profundo desejo de mudar o mundo. Eis a pergunta que devemos nos fazer: nós temos também grandes sonhos e dinâmica? Nós também somos ousados? O nosso sonho voa alto? O zelo nos devora (cf. Sal 69.10)? Ou então somos medíocres e nos contentamos com nossas programações apostólicas de laboratório?

MARIA

Ao pé da Cruz, Maria é mulher da dor enquanto aguarda vigilante à espera de um mistério, maior

do que a dor, que está para acontecer. Tudo parece realmente acabado; qualquer esperança poderia ser apagada. Ela também, naquele momento, lembrando as promessas da Anunciação poderia ter dito: não se tornam realidade, fui enganada. Mas não o disse. Mas, abençoada, porque ela acreditou desta sua fé vê desabrochar o futuro novo e aguarda com esperança, o amanhã de Deus.

Às vezes penso: nós sabemos esperar o amanhã de Deus? Ou queremos hoje? O amanhã de Deus para ela é a aurora da manhã de Páscoa, do primeiro dia da semana. Fará bem a pensar, na contemplação, no abraço do filho com a mãe. A única lâmpada acesa na sepultura de Jesus é a esperança da mãe, que, naquele momento, é a esperança de toda a humanidade. Pergunto a mim e a você: nos mosteiros ainda está acesa esta lâmpada? Nos mosteiros se espera o amanhã de Deus?



DONS EXTRAORDINÁRIOS

Deus onipotente e bom concedeu a Padre Luís, enquanto ele estava ainda em vida, dons extraordinários para o bem das pessoas. Estamos certas de que do céu agora pode continuar a interceder por nós as graças que precisamos para cumprir a vontade de Deus, por isso o invocamos com confiança.

PROTEÇÃO

Durante a Primeira Guerra mundial, precisamente em 1917, a proteção do Padre Luís sobre a casa de Orzano e sobre as suas religiosas, tomou um alcance extraordinário. Velou sobre a casa para salvá-la da destruição, da parte dos soldados italianos, e foi visto, não só pelas irmãs, mas também pelos leigos a girar fora e dentro do pátio, quando os soldados já tinham colocado as bombas nos quatro cantos da casa para abatê-la.

Auxiliou, sobretudo a salvar as suas filhas, Irmã Pellegrina Loss e Irmã Bonaventure Adami, cuja vocação tinha sido salva pela caridade de Padre Luís. Elas, sempre muito tímidas, não quiseram afastar-se do túmulo do seu fundador e lá permaneceram sozinhas, para defendê-lo, juntamente com a casa por duas vezes destinada à destruição. Elas mesmas reconheceram que tanta coragem, lhes tinha sido infundida pelo Padre Fundador.

DISCERNIMENTO

Com razão, as irmãs diziam que o Padre Luís lia nas suas almas como num livro aberto. Com frequência descobria o desígnio secreto de Deus nas almas das meninas e o manifestava com simplicidade e segurança. Aconteceu-lhe ver, pela primeira vez uma menina, em Portogruáro: "tome cuidado dela, que será minha filha," disse à mãe dela, e assim aconteceu.

O mesmo fato aconteceu em Têsero: "você é minha", disse a

uma menina de oito anos cuja mãe a animava a prestar-lhe reverência; e depois de treze anos esta entrará no convento.

A uma donzela moribunda, a quem tinha administrado os Sacramentos, aconselhou: "Prometi à querida Mãe do Céu que se tornará irmã da Providência e sarará". A menina obedeceu e logo se sentiu melhor e viveu muito tempo na religião como o nome de Irmã Serafina do Santo Amor e foi um dos pilares do Instituto.

INTERCESSÃO

A oração do Servo de Deus tinha uma virtude especial para erguer os doentes e, às vezes a sua ordem tinha o poder de restituir a saúde.

Uma enfermeira afirma que, quando uma irmã doente sofria muito, chamava o Padre Luís para que rezasse por ela, e "a doente ficava mais aliviada com as suas orações do que com os remédios".

Principalmente tratando-se de jovens postulantes ou noviças a sua vocação estava ligada à saúde, padre Luís intervinha com a sua palavra que tranquilizava em vista do futuro e a sua oração obtinha de Deus o dom da saúde.

Uma juniorista, obedecendo a ordem do padre que lhe impôs a comer, e mais tarde a cobriu com a sua capa, foi libertada para sempre do sério sofrimento de um mal estar nas viagens.

O fato que pareceu muito singular se trata de uma irmã conver-

sa, irmã Filomena, que moribunda em Portogruáro, queria ver ainda uma vez o Fundador. Após a sua chegada, ele lhe ordenou a comer, levantar-se e partir com ele para Údine, onde a teria esperado para cultivar os bichos da seda. Assim aconteceu, enquanto que, a sua companheira de viagem, que estava melhor de saúde, ouviu dizer-lhe: "Tu, prepara-te para bem morrer" e morreu pouco tempo depois.

Extraído de documentos para a causa de beatificação do Padre Luís



A GRANDE GUERRA

NA VIDA E OBRA DAS IRMÃS DA PROVIDÊNCIA



Nestas breves páginas não pretendemos fazer um relato histórico dos acontecimentos vividos pelas nossas irmãs durante o longo e difícil período da I Guerra Mundial que pôs em perigo o futuro da Congregação. Somente Deus conhece o peso!

Parece ser significativo, no entanto, fazer sobressair o testemunho de caridade evangélica que animou as irmãs, em servir aos irmãos necessitados e a vontade de permanecerem enraizadas na comunhão fraterna.

Todas as casas onde as Irmãs da Providência trabalharam durante os anos da grande guerra (1914-1918) sofreram de perto as tristes consequências do conflito.

Em 10 de agosto de 1914, logo depois de alguns dias após a declaração de guerra, Madre Cecilia Piacetini recebeu o pedido para algumas Irmãs irem ao Hospital Militar de Gorizia. A resposta imediata foi a partida da Madre Adeodata, superiora de Cormóns, para Gorizia, seguida imediatamente por muitas irmãs.

Quando se ouviu as primeiras explosões da guerra, as irmãs de Cormons, com a superiora M. Cecilia foram até o Coro da capela e todas se ofereceram a Jesus, prontas a fazer e sofrer o quê Ele quisesse lhes enviar, certas de que, em cada acontecimento teriam sido protegidas e defendidas por Ele. Reunida a Comunidade

Madre Cecilia, disse: "Minhas filhas, não tenham medo, eu as coloquei todas sobre o ombro direito de Jesus".

Quando a Itália entrou em guerra em (24 de maio de 1915), a consequência imediata foi uma clara divisão da Congregação em duas comunidades, uma grande parte localizada em território austríaco e outra pequena parte em território italiano, com a imediata dispersão das irmãs.

Cormons, onde vivia M. Cecilia, (sede da Casa Geral e da Enfermaria), estava na fronteira entre os dois Estados. Ciente desta situação, em uma carta ela escreve: "Precisa confiar no Senhor. Embora em posição pouco tranquilizadora e com doentes que não podem ser transportados, confie-mos no poder do alto. O melhor é conservarem-se sempre calmas e abandonadas no Senhor em qual-

quer acontecimento. Se escrever para aquelas refugiadas diga que eu as abençoo e rezo por todas, que confiem e fiquem calmas no Coração de Jesus nosso conforto e defesa".

As pessoas começaram a fugir, enquanto as irmãs, serenas e confiantes, abandonadas em Deus, preparavam-se espiritualmente e também profissionalmente para as novas tarefas que a caridade lhes teria pedido.

Da Crônica de Cormons lemos: "Muitas de nós nunca tínhamos prestado serviço nos hospitais e muito menos em casos semelhantes nos havíamos encontrado diante de pessoas deformadas e até desfiguradas por ferimentos que causavam horror somente ao vê-las! No entanto, tínhamos que alimentá-los dando-lhes na boca como a crianças. Mas a caridade de Cristo nos ensinava, nos



Una corsia d'ospedale - Suora della Provvidenza in servizio (Goriski muzej. Nova Gorica)

instruía e nos fazia "todas para todos" como diz a nossa Regra e experimentamos que estávamos sendo levadas por uma força sobrenatural e misteriosa. Poder da graça! ".

A guerra avança. Cormons logo é conquistada pelos Italianos, enquanto que Gorizia, toda Ístria e o Trentino permanecem sob o poder austríaco. As comunicações são interrompidas e a congregação é dividida em duas partes: a comunidade italiana do Friuli (Udine, Orzano, Cormons) e do Vêneto (S. Vito, Portogruáro) permanecem sob a liderança da Madre Cecília. As Comunidades sob a jurisdição austríaca, Gorizia, Grado, Monfalcone, as da Ístria (Muggia, Pirano, Parenzo, Umago, Rovigno, Pola,) e a do Trentino (Trento, Roncegno, Pérgine, Tésero, Primiero), sob a liderança e guia da Madre Stanisláa Lunelli. Permanecem sob a Áustria também o Noviciado e o Postulado que, em 1915, são transferidos de Gorizia para Viena. Me. Adeodata, Me. Agnese e Me. Stanisláa serão as figuras de referência para todas as irmãs que permaneceram com elas.

A partir desse momento, toda Irmã da Providência se torna enfermeira voluntária nos acampamentos militares e nos hospitais, em meio aos irmãos sofrendores de várias doenças, especialmente, da cólera, tifo e varíola e, mais tarde da febre espanhola. São enviadas em pequenos grupos a todos os lugares aonde são pedidas. Madre Cecilia recusa os pedidos de ajuda somente quando pode dizer que

não tinha mais ninguém para enviar. Irmãs, noviças, postulantes, colocam com dinamismo todas as suas forças a serviço dos feridos e esfolados!

Lemos ainda na crônica de Cormons: "Assim que o grito de guerra ressoou no ar, eis que várias das nossas irmãs foram chamadas para Truppen-Spital (hospital militar) para a assistência aos soldados com tifo. Mas o que disse: foram chamadas! Uma coragem espontânea as chamou e se ofereceram com a caridade de Cristo, não foram poucas as que se ofereceram nas mãos das Superiores para serem enviadas lá onde a dor era maior, maior o sacrifício e um sacrifício consumido unicamente para Deus sem retribuições humanas. Aos tifosos sucederam os feridos de guerra aos quais toda a Congregação se dedicou, uma vez que todas as casas se achavam na área de morte".

Um terrível perigo, no entanto, ameaça a Congregação, mais arduosa do que a própria guerra: a

divisão dos corações. As comunidades são compostas de irmãs italianas, austríacas, eslavas e até agora, radicando suas raízes no húmus evangélico da caridade, viveram na concórdia, como irmãs, na alegria da consagração ao Senhor, de dedicação e a serviço dos muitos pobres e abandonados que a Providência colocara em seu caminho. A guerra inesperadamente vê suas terras natais em conflito; um conflito que poderia transferir-se no plano pessoal e comunitário. Como poderão viver a caridade, superando o ódio dos seus povos e indo além das divisões políticas e étnicas?

Madre Cecília toma posição: "Diante de Deus não há nem italianas nem austríacas, nem eslavas. O senhor escolheu as suas prediletas de toda parte e dos vários países para transplantá-las, como frágeis plantinhas, no jardim da religião. Eu as recebi todas, mas lembrem-se bem que aquela porta, que foi aberta para recebê-las, se abrirá...". As irmãs caem de joelhos, pedindo perdão, as tomadas de animosidade patriótica pelos acontecimentos políticos daquela hora, haviam ofendido a caridade nas irmãs.

Será esta escolha total de caridade na comunhão fraterna, querida ferozmente, e defendida com todas as forças, que salvará a Congregação da desagregação da guerra: todas permaneceram de fato no seu lugar, fieis ao serviço da caridade como irmãs, filhas de uma mesma família construída no espírito.

Da Crônica de Gorizia, no início do ano de 1918, lemos este testemunho incrível: "Como é bela e



"Nazareno" - Hospital militar

5 6

feliz a nossa vida íntima de Comunidade! Quantas dores, quantos espinhos nesses anos de guerra! Mas, quanta alegria experimentar os nossos corações, devemos também dizer que nos últimos anos gozamos muito. Sim, nós gozamos, porque nos amamos".

E assim, tanto na região italiana como na região austríaca, as irmãs conheceram fadigas, exílio, perigos de toda espécie.

Irmãs italianas que permaneceram em território austríaco (Gorizia, Trentino e Ístria) foram introduzidas, isto é, levadas à força em acampamentos especiais para refugiados longe da fronteira com a Itália.

As irmãs, cidadãs austríacas, alguns se refugiaram em Viena, outras, ficaram em Gorizia no hospital militar, após a destruição da cidade e a desocupação do hospital, tiveram que procurar refúgio em Viena. Aquelas, todavia que permaneceram na Ístria e no Trentino puderam continuar, de alguma forma, a sua atividade apostólica, compartilhando com as pessoas os perigos e dificuldades.

Na verdade Deus as protegeu conservando-as juntas e fortes. As refugiadas puderam de fato se reunir todas no hospital militar de Viena em Simmering, que continha até 5.400 entre doentes e feridos, enquanto a Comunidade atingiu o número de 27 irmãs, 20 Noviças e 15 Postulantes, no campo de internação de Wagner, que abrigava cerca de 20.000 refugiados e aí foram confiados a elas os pavilhões das doenças infecciosas. Aqui a Comunidade chegou a contar com até 40 irmãs que compartilhavam as dificuldades e sofrimentos de todas as pessoas. Chegaram até mesmo a abrir um noviciado em Marburg (atualmente Eslovênia) para acolher as jovens que, mesmo em situação de exílio, pediam para entrar na Congregação, e, também as irmãs precisavam de tratamento e de descanso. Entre as noviças do exílio encontramos também a futura geral, Madre Dosithea Valentin.

As irmãs que permaneceram em território italiano foram divididas entre os numerosos hospitais de

campo, hospitais militares (Cormons, Udine, Orzano, Buttrio, Grado, Villa Vicentina, Casarsa, Portogruaro, S. Vito al Tagliamento, etc.) e aqueles de doenças infecciosas, totalmente dedicadas a ajudar os feridos e os doentes, sempre em situação de extremo perigo.

Também as irmãs austríacas, presentes no território italiano, foram internadas e dispersas em locais distantes, chegando até Florença e Roma, mas sempre comprometidas com o serviço dos enfermos. Nossas casas mudaram a aparência, se tornaram hospitais, abrigo para os refugiados, sede de comando militar e com tudo isso não foram destruídas. Cormons e o Nazareno são um sinal evidente da extraordinária proteção de Deus a nós.

No final da guerra, lentamente, ano após ano, tudo voltou ao normal, mas nada mais foi como antes. Um mundo tinha desaparecido e começou um novo período, cheio de incógnitas, mesmo para a vida da Igreja: não só destruição material dos países, cidades e zona rural; não só centenas de milhares de mortos, mas um novo clima cultural que colocava em crise princípios e seguranças sobre onde se achava construída a

sociedade da Europa, começando pela relação com a fé.

As nossas irmãs porem levavam no coração a riqueza daqueles anos de dor sem fim em que haviam crescido na caridade, na comunhão e abandono à Providência.

As irmãs mais novas se haviam formado no campo de batalha, na experiência cotidiana do sofrimento humano que pedia a elas para esquecer tudo e somente existir para Cristo; Ele, ferido, ensanguentado, morrendo, desesperado, pedia por sua dedicação até o sacrifício da vida.

Várias irmãs, depois do trabalho de experiências posteriores em muitos outros hospitais de campo, forjadas pela dor e desconforto, após a guerra, conheceram a alegria de poder servir ainda os irmãos doentes e crianças abandonadas; algumas foram enviadas em Missão na América Latina.

Outras, porém, no final da guerra, minadas pelo sofrimento, logo voltam para a Casa do Pai. Onze irmãs, professoras e noviças não voltaram mais. Seus restos mortais repousam no Camposanto (cemitério) de Viena, Wagner, de Marburg.

Editado por Irmã Bianca Maria



Il cimitero dell'accampamento ove sono state sepolte
-M.M. Mercedes Rodati (+ 1.1.1916)
-Suor M. Ugolina de Giusti - novizia (+ 26-3-1916)
-M.M. Cleofe Del Degani (+ 29.1.1917)

A história é mestra da vida, e nós, gratas pelo glorioso testemunho de muitas irmãs continuamos a viver hoje a missão de caridade com coração generoso, abandonadas em Deus e unidas na comunhão fraterna.

Como viúva de Sarepta



O primeiro livro dos reis, capítulo 17, conta que o profeta Elias tinha ordem do Senhor para ir a Sarepta de Sidon e para lá se estabelecer. Entrando na cidade, Elias encontrou uma viúva a quem pediu um pouco de água e um pedaço de pão. A viúva, no entanto, não tinha nada de cozido, devido a grande carestia produzida pela longa seca, restava-lhe somente um punhado de farinha na vasilha e um pouco de azeite na jarra. Com o que lhe restava cozinhou um último pão e o ofereceu ao Profeta, depois comeu também ela com o seu filho e se resignou a morrer. Mas, segundo a Palavra do Senhor, a farinha da jarra não diminuiu e o óleo do frasco não acabou até que o Senhor não fez chover sobre a terra. Na Casa Mãe de Údine, comentando sobre a oportunidade de iniciar uma nova atividade Apo

stólica em San Daniele del Friuli, uma das nossas irmãs mais velhas exclamou com entusiasmo: “como a viúva de Sarepta!” Era o dia 10 de junho deste ano, aniversário da canonização do Padre Luís e dia em que a liturgia nos propunha o episódio da viúva, do livro dos reis. Vai ser mesmo como dizia a irmã de Údine? A viúva, em um período de grande miséria, sentindo-se destinada à morte por fome, confia totalmente a Deus a sua vida e a do filho e dá generosamente todo o alimento que ainda lhe sobra. Nós, Irmãs da Itália, em um período em que, quase totalmente desprovidas de forças, estamos sendo sempre menos, nos abrimos a novos projetos apostólicos. Claro que são atividades em que trabalham os leigos, mas trata-se sempre de

obras realizadas segundo o carisma de São Luís!

Parece que Providência hoje esteja usando uma estratégia proposital para nós porque nos ajuda a viver a nossa realidade de pequenez como uma oportunidade de humildade e graça reconduzindo-nos ao coração do carisma, isto é, na confiança total em Deus: devemos aprender de novo a não contar com as próprias nossas forças, nem sobre o que somos ou possuímos, prontas a colocar tudo a disposição dos Seus pobres com generosidade.

Mas o que ainda possuímos? Qual é a pouca farinha na nossa vasilha e o óleo do nosso frasco? Tentemos alistar os recursos que ainda nos sobram para cozer o pão para o Profeta de Deus, ou seja, para nos colocarmos totalmente à disposição do Reino, finalidade única da nossa consagração. São recursos concretos a oração e a oferta das fadigas, dos achaques, das fraquezas; a capacidade de sacrifício; o trabalho das mãos e o afeto do coração para as pessoas que servimos e para tantas pessoas com as quais colaboramos; as nossas casas grandes, algum bem terreno ...

Nós estamos oferecendo tudo aquilo realmente, não se trata apenas de desejos, de orientações ideais, de generosidades pensadas. Trata-se de um compromisso laborioso enquanto esperamos com fé as novas chuvas, depois de longos anos de seca, e pedimos com insistência que a Providência sustente a nossa confiança enviando-nos os seus anúncios de vitalidade.

Uma pergunta revela ainda a incerteza da nossa fé: “é bem verdade que o inverno conserva no coração a primavera”, como dizíamos em outro artigo? “Virão, sim ou não, as chuvas para a nova floração”?

Há movimentos em nossa província que nos parecem poder interpretar como sinais de espe-

rança. Mas são realmente tais? Ou estamos nos iludindo? De fato o Pai celeste não nos responde ainda, apesar de estarmos pedindo há tantos anos novas vocações de jovens da Itália.

O que Ele quer ainda de nós?

No em tanto, como a província continua ainda a atuar em algumas linhas que devem agradar o Padre Luís, assim esperamos. Continua com intensidade, embora os passos sejam lentos, o trabalho para colocar os nossos ambientes a serviço dos pobres. Até mesmo neste último nos foram oferecidas duas lindas casas totalmente mobiliadas e funcionais para lançar novos serviços aos menores e para as mães em dificuldade. Uma, a Villa Santina, está já funcionando há um ano, a segunda, em Villanova di San Daniele del Friuli, está prestes a ser lançada.

E continua também a busca para como usar nossas duas grandes casas de Gorizia. Talvez alguma fresta esteja se abrindo, mas estamos ainda em fase de planejamento e avaliação, para isso pedimos a todos a nos ajudarem rezando, entregando cada projeto a São José e a São Caetano, o que já muitas irmãs, até mesmo, estão pedindo para este fim. Enquanto isso, parte do Nazareno é usado como um lugar de acolhida de refugiados (oscilam uns cinquenta) que desembarcaram de Lampedusa ou que chegaram por terra, da Europa Oriental.

Na casa de Torre del Greco começaram os trabalhos de restauração da segunda ala, que acolherá mais do que os habituais grupos, de 200, para formação e oração. Um centro diurno para pessoas deficientes, em rede com outras realidades da província de Nápoles e Salerno engajados em frentes para os mais pobres e excluídos socialmente, e mais um centro de assistência à família, este último já está funcionando em pequena parte há uns de três anos.

Sobre o tema dos leigos, estamos trabalhando para que os funcionários e voluntários em

nossas obras atuam de acordo com o carisma de São Luís. Não se trata com certeza de uma novidade, mas procuramos, sob este aspecto, torná-lo mais explícito e consciente. A formação que nestes últimos dois anos temos oferecido aos leigos e irmãs responsáveis pelas atividades da província teve precisamente este objetivo. E isso está começando a dar alguns frutos! Portanto, decidimos continuar, na esperança de que nosso apostolado cresça e se multiplique pela força do carisma, mesmo se as nossas energias físicas diminuam.

Em 18 de novembro deste ano, apesar de tudo, vamos comemorar o 25º aniversário da presença das Irmãs da Providência em Scampia. Foi uma história sempre difícil sob vários aspectos a de Scampia, mas com certeza terá sido agradável ao Padre Luís porque, apesar de tudo, ele a conduziu até hoje. Para esta ocasião preparamos também um livro, para que as coisas bonitas aí realizadas sejam conhecidas e de estímulo para a continuação.

Concluindo, voltamos ao exemplo da viúva de Sarepta, do livro dos Reis.

Sabemos que durante a per-

manência do profeta Elias em sua casa, o único filho que a viúva tinha “adoeceu gravemente de tal sorte que ficou sem respiração”. Mas Elias, grato pela hospitalidade recebida, invocou o Senhor e restituía à pobre mulher seu filho vivo e saudável.

Isso poderia ser também para nós um símbolo, segundo o conto da viúva de Sarepta? Em outras palavras, encorajamos a abertura para com aqueles que precisam, ainda que o bem que desejamos fazer comportasse o risco de nos deixar sem fôlego?

Podemos imaginar a oração de todas nós como o sal na massa do trabalho, e a oferta de sacrifícios e sofrimentos como fogo que leva à maturação cada atividade, para que o nosso pão atinja a fragrância espiritual do carisma?

Esperamos, portanto, caminhar seguindo o exemplo da viúva que em sua pobreza ensina a colocar tudo, realmente tudo, à disposição dos necessitados, em nome de Deus com dignidade e simplicidade, ou melhor, com espontaneidade, sem reclamar e sem preocupação para nossas vidas e para o futuro.

Da província da Itália



DA TERRA DOS SORRISO

“Terra do sorriso”: assim é conhecida a Tailândia porque as pessoas são sempre muito gentis e cordiais com todos, mas especialmente com os estrangeiros. É um país que encanta pela diversidade de cultura e etnia tribal, especialmente ao norte.



produtos da pesca. A indústria de manufatura na Tailândia está concentrada em torno da capital Bangkok, constitui cerca da metade do total das exportações. Entre os recursos minerais incluem estanho e tungstênio; significativos depósitos de gás natural e carvão marrom compõem a maioria das fontes de energia do país, uma vez que é muito menor a produção do petróleo. A balança comercial geralmente se acha no vermelho e as perdas são apenas parcialmente compensadas pela receita. Digamos que a Tailândia preenche este inconveniente com o setor de turismo e hospitalidade que a cultura tailandesa oferece. O País é amado pelos turistas de muitas partes do mundo, que são atraídos por sua beleza natural, mas também pela grande hospitalidade e cordialidade do povo tailandês.

IDE POR MUNDO E PREGAI O EVANGELHO

Em outubro de 2011 a congregação das Irmãs da providência, respondendo à necessidade da igreja local na Tailândia, abriu uma nova missão nesta terra, para trabalhar em especial, na região noroeste do país, na fronteira com Mianmar. Após mais de um ano de estudo do idioma tailandês em Bangkok, em abril de 2013 a pequena comunidade



UM POUCO DE CULTURA E RELIGIÃO

A religião oficial na Tailândia é o budismo Theravada, que é a raiz da cultura tailandesa, professada aproximadamente por 95% da população e foi introduzida no país em 329 A.C. O Budismo exerce uma forte influência na vida cotidiana do povo tailandês e os monges são figuras altamente respeitadas. Na Tailândia, há grande tolerância religiosa e é a prerrogativa positiva sobre a qual está baseada a cultura tailandesa. Isto permite a coexistência pacífica de outras religiões como o islamismo (4%) o Cristianismo (1%) e Hinduísmo.

GOVERNO

Atualmente a Tailândia é uma monarquia constitucional; este ano, porém houvesse um golpe militar que tomou o poder a fim de gerir os conflitos políticos no país entre os dois maiores partidos, o vermelho e o amarelo. Os militares, portanto, ficarão no poder até que o país for capaz de fazer novas eleições; enquanto isso, eles estão fazendo algumas reformas da Constituição

e prevêem as mudanças necessárias para o novo governo que tende sempre mais para a democracia, não menos para que o país cresça economicamente. O regime monárquico absoluto durou até 1932, quando um golpe militar impôs ao rei uma constituição e um parlamento. O rei e a rainha são até hoje verificados e amados pelo povo tailandês.

ECONOMIA

Embora em 1976, tenha sido implementada uma ampla reforma agrária, especialmente na planície central onde são mais evidentes as distribuições injustas, a maioria da população tailandesa (60%) vive da agricultura de pura subsistência baseada no cultivo de arroz, cana-de-açúcar e milho. Ao norte do paralelo 17 °, recursos valiosos são oferecidos pela floresta (tek) e do tabaco, enquanto em Chautaburi, ao lado da produção típica da pimenta, é florescente a reprodução de bovinos e suínos. Mais variável é a economia da região Peninsular, onde ao lado da tradicional produção do arroz e da cana de açúcar, se unem os

A GINA “MESTRA”

emoção, maravilhados, espantados e encantados. Gina ensinou-nos a dignidade, a gratidão, o respeito, a legalidade, o valor da amizade, a humanidade, a riqueza do Reino de Deus... “Os pobres sempre os te-reis entre vocês”... Aqueles que não acumulam, nada têm, se desfazem, doam, tornam belo, verdadeiro e justo o nosso mundo... Ainda bem que eles existem assim poderemos ser salvos... Obrigado Gina, Mestra, juiz e salvadora do nosso viver, do nosso doar, do nosso crer, do nosso esperar, do nosso amar.

de Nápoles-Scampìa



Sempre que chegamos ao campo de Rom, o entusiasmo é grande. A primeira criança que vê o carro corre audaz, como uma pequena sentinela, para avisar os demais.

Quanto mais nos aproximamos, mais crianças aparecem a nos saudar, rindo, muito sujas, festivas e então,... os infinitos “Alo o o...” ressoam no ar como uma melodia celestial.

Descemos do carro, e todos correm ao nosso encontro: há quem abraça o adulto a quem é mais afeiçoado, quem ‘bate cinco’, quem sorri, e quem de longe timidamente fica esperando um pouco. Todos sabem que nós viemos para eles, nos esperavam. Como não lembrar então, a lição da raposa do Pequeno príncipe?

Apenas cumprimentamos todos, chega Gina (uma menina de 12 anos), que se destaca do grupo, com seu enxame de meninas e meninos, no centro do campo. Gina é a garota que sempre quer distribuir as cores aos outros, determinada e um pouco audaciosa, quer gerenciar tudo e até mesmo, mandar um pouco, em nós e... chega correndo do campo, sempre com o seu grupo e os seus acompanhantes; traz uma sacola de plástico amarelo na mão. Corre até Giorgia e lhe diz: “estes os sapatos que você deixou aqui ontem!”... O tom é perentório; Giorgia, envergonhada, pega a sacola com os sapatos... e, entre nós, faceiras, os voluntários, as cristãs faz-se um silêncio tomado de espanto: Gina está com os pés descalços; seus pés, certamente cheios de calosidades são escuros. Sempre a vimos correr entre o cimento, entre os vidros de garrafas quebradas, na lama, entre a poeira... está descalça, e quem sabe se já teve alguma vez um par de sapatos!

Está descalça, mas na sua profunda humanidade e gratidão, conservou zelosamente o par de sapatos de Giorgia para devolvê-los... De seu sorriso e de seus olhos brilhantes que nos olham, não creio que tenha pensado em reter aquele bem precioso para si: eram de uma sua amiga, com quem vem brincar e brincar com todos os seus amigos e amigas.

Gina, a garota, Rom descalça, devolve os sapatos... Entrelhamo-nos, nossos olhos estão acesos de

de quatro irmãs estabeleceu-se em Chiang Sean, na Diocese de Chiang Mai, para contribuir, junto com a igreja local na missão pastoral catequética e de evangelização do povo católico, referindo-se em particular, a tribo Aka e aos refugiados de Mianmar.

Chiang Sean é uma pequena cidade localizada ao norte de Chiang Rai, uma das mais antigas cidades da Tailândia, cidade já fortificada.

Por sua localização estratégica, na fronteira entre a Tailândia, Mianmar e Laos (chamado triângulo de ouro) é o centro de muito comércio, infelizmente, muitas vezes ligados à economia criminosa de venda de armas, drogas e prostituição.

CASA MARIA: CENTRO DE TREINAMENTO PARA MENINAS

“Casa Maria” é o nome de um centro de acolhida, de educação e formação para meninas e adolescentes localizado em Chiang Sean e fundado Padre Peter Wibun Likhitham em 4 de março de 2005. Seu objetivo era receber meninas das tribos, especialmente as filhas de refugiados de Mianmar.

À sua partida para outra missão, a casa foi passada para a igreja local até que foi confiada à nossa responsabilidade de Irmãs da Providência, precisamente em maio de 2013, a pedido do Bispo Francis Xavier Vira Arpondratana.

Hoje, “Casa Maria” acolhe cerca de 25 meninas por ano de diferentes aldeias da província e

oferece a elas na sua recepção inicial, alimento e alojamento e um programa de educação básica. Infelizmente as escolas públicas na Tailândia oferecem um serviço formativo de baixa qualidade e, portanto a atividade após a escola que nós oferecemos torna-se fundamental para garantir oportunidades concretas para as meninas seguirem a escola média ou entrarem no mercado de trabalho.

AVALIAÇÃO DO CAMINHO

Depois de quase três anos de vida na terra tailandesa, podemos dizer que realmente experimentamos a mão de Deus providente que nos guia a cada passo. Sentimo-nos ainda como uma pequena criança que apenas está aprendendo a andar e tem um mundo a descobrir diante de si... Mas podemos olhar à frente com esperança, na certeza de que o Senhor vai multiplicar os frutos de acordo com Seu tempo. Dia a dia estamos aprendendo a ser missionárias em uma nova terra, nova cultura, que nos pede para deixar as coisas que estamos acostumadas a fazer e pensar, que nos pede a abertura de mente para acolher a novidade de Deus presente na diversidade cultural dos povos tribais que vivem aqui.

Dedicamo-nos a abrir o coração para que o Senhor possa realizar aquilo que já era o Seu pla-

no para nós nesta nova terra – missão. Estamos felizes pelo caminho feito até agora e acreditamos que verdadeiramente o padre Luís nos precedeu; o seu amor aos pobres e aos pequenos convida-nos seguramente a ir ao encontro destes nossos irmãos e irmãs, especialmente dos mais necessitados.

Caminhamos como pequenos instrumentos na mão de Deus, certas de que é Ele quem faz tudo e nós damos a nossa cooperação gozando muitas vezes dos 100% que Jesus prometeu àqueles que o seguem, mas não sem sofrimentos.

Obrigada a toda a família religiosa que nos acompanha com o amor de mãe, com a oração de todas as irmãs; obrigada a todos os colaboradores, amigos e familiares que nos apoiam de várias maneiras.

Queremos dizer um grande obrigada a Deus que nos ama com um amor de Pai e de Mãe, que nos faz experimentar o seu amor de muitas maneiras. Graças ao Padre Luís que nos gerou como suas filhas e que nos envia no mundo, pedindo-nos para “salvar a vida e salva-la com a caridade”.

Irmã Jandira
Irmã Margaret
Irmã Natália



Quando o homem, apesar de ter feito tudo o que pode dentro de suas probabilidades, toca no fundo, e com fé conta na ajuda de Deus e da sua Providência, Deus não permanece surdo e indiferente às suas invocações, mas sempre intervém. Claro que precisa crer profundamente. Nesta luz, queremos falar sobre os fatos que se deram recentemente na comunidade Bucaveve em Údine e que nos assombraram e ao mesmo tempo comoveram.

Uma história, geralmente começa assim: era uma vez...

Sim, era uma vez uma linda mulher negra: o nome dela era Vera. Chegava de muito longe, da África e tinha um coração de ouro ou pelo menos de prata. Tinha vindo morar num castelo chamado Bucaneve, e lá já viviam outras mães. Quando começa o inverno e faz muito frio na própria família, sente-se aquele frio até no coração e as fadas do castelo abrem o grande portão para deixarem entrar as mulheres que querem salvar os seus filhinhos.

Os recém-chegados, logo notam as belíssimas flores da bucanave, que se pode ver à distância, e que trazem algum alívio aos olhos e ao coração. Vera tinha dois filhinhos: Bruno e Daniele. Havia dado a eles um nome italiano, porque gostava de ficar na Itália, ainda que com um pouco de saudades; afirmava com frequência que lhe faltavam certas comidas africanas.

Viveu na Itália, mas, de quando em quando, se esquecia de estar na Itália e recomendava a ser africana. Pegava o filhote menor e sem saber onde colocá-lo, para poder trabalhar em paz o colocava na garupa, esmagado como um ratinho.

Às vezes ela falava alto e retorcia em risadas por coisas atoa; tanto

UMA MÃE E DOIS FILHOTES

fábula verdadeira

que, quando estava de bom humor se passava bem com ela. Mas quando estava de mau humor, era melhor não encontrá-la: tinha a cabeça baixa amuada e a quem perguntava: “o que tem Vera?”, com voz lamentável e subjugada respondia simplesmente: “Nada”. Depois lentamente, levando-a com cuidado e delicadeza, se desenrolava como um novelo de lã entre as patas de um gatinho. Um dia aconteceu um fato, algo surpreendente e milagroso.

O magnífico castelo estava coberto com uma grande nuvem negra... e isto acontecia algumas vezes no castelo. Cada uma expressa o seu gemido. “Estou triste porque não tenho ninguém, não tenho casa, nem amigos, nem trabalho e não o encontrarei nunca! Não sairei nunca deste castelo onde me sinto como uma prisioneira.” Vera também estava muito triste e chorava; parecia que, depois de muitas tentativas, ninguém poderia ajudá-la mais. Até mesmo as fadinhas estavam desencorajadas, envoltas na escuridão da nuvem negra. Certo momento uma fada do castelo, a que tinha mais experiência nas costas suspirou: “mas não há outra possibilidade: o caminho da Providência! Se você acredita e você se abandona, lhe será dado até em abundância, mais do que aquilo que você pede. Você deve acreditar que Deus é seu Pai”. A fada acreditava mesmo e por isso falava. As outras fadinhas não deram resposta, embora obviamente pensassem e deu-se o milagre...

A partir daquele dia, Vera, lentamente começou a pensar positivo, mandando embora a nuvem negra. Seus pensamentos novos: “Eu nunca estou sozinha, existem as fadinhas do castelo, mais ou menos simpáticas, que aqui estão para me ajudar, é verdade que não tenho uma casa,

mas no castelo também me sinto um pouco protegida pelas nuvens negras que de vez em quando passam. Até agora tinha sempre pensado sobre as coisas que me faltam e não naquelas que eu já tenho...”

Assim o sol lentamente tocou a nuvem negra e apareceu em todo o seu esplendor.

No dia seguinte, notem... Exatamente no dia seguinte a fada, encontrou a Providência sob a feição de um pai de família, que a chamou de lado e deu-lhe um envelope dizendo “guarda-os, são vários”. A fada teve um momento de perplexidade, depois se recuperou, olhou para ele e se lembrou do que dissera no dia anterior; agradeceu o bom homem e a Providência, em seguida, ainda surpresa pelo acontecido e pela coincidência, disse: “Me serviam mesmo! Este dinheirinho servirá para pagar a entrada do aluguel do novo apartamento para Vera”.

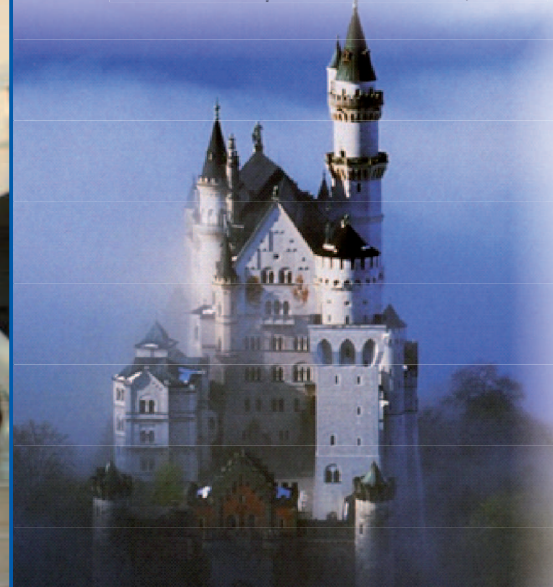
Mas vocês não acreditam que ocorreu outro milagre: o aluguel já foi pago e o apartamento ficou disponível imediatamente.

Mas, para este milagre ser completo, ainda faltava um trabalho. Depois de alguns dias chegou também ele, não menos do que por telefone!

“Preciso de uma babá,” disse o homem ao telefone. Onde ele encontrou o número do telefone? Coincidência? Fatalidade? Ou Providência? A fada deu a resposta certa... e você? Para Vera e seus dois filhotes começava uma nova vida.

Irmã Lambertina

Estes fatos não se podem esquecer; serão escritos na crônica do castelo para servirem de encorajamento a todas as mães que lá chegam, para ajudá-las a pensar positivo e porque, acreditando na Providência, se sintam em mãos seguras..



COMUNIDADE “PROVIDÊNCIA” EM PAUDALHO

A maneira como a Providência nos levou no estado de Pernambuco é fruto da criatividade de Deus, que sabe sempre abrir as estradas à nossa frente.

Começa com um seminarista comboniano, que após uma experiência apostólica no CIFEC (centro de Sta. Rita, na Paraíba), disse que o povo de Pernambuco ficaria contente se as irmãs fossem para lá, “porque vocês, Irmãs da Providência, têm o Reino de Deus na mente e no coração”.

A partir desse convite informal, nos anos sucessivos, fizemos os primeiros contatos com a realidade Pernambucana e a Providência mostrou-nos como lugar para nossa missão a cidade de Paudalho, à distância de 40 km da comunidade de Santa Rita. Dom Severino Batista de França, Bispo de Nazaré da Mata, acolheu-nos em sua diocese com muito carinho e alegria e nos abriu as portas da missão em direção a seu povo, especialmente para os mais pobres. Indicou-nos então a cidade de Paudalho, e, especificamente a Paróquia do Divino Espírito Santo, como o ‘melhor’ e mais adequado solo para testemunhar e semear o carisma da caridade. Assim escrevia ele à superiora provincial na carta convite: “As queridas Irmãs da Providência serão bem-vindas e nós as acolheremos como novas filhas para enriquecer-nos com a sua obra no árduo trabalho missionário”. (23 de maio de 2013) Antes de iniciar a Comunidade, algumas de nós fomos a Paudalho durante períodos, mais ou menos longos, com o objetivo de conhecer um pouco por vez aquela realidade e tornarmos-nos conhecidas ao povo.

Assim, em outubro de 2013 colaboramos na missão no bairro “Primavera”.

“Paróquia, comunidade de comunidades”: este foi o tema da missão durante a qual também foram comemorados os 20 anos da capela de Maria, Mãe e Rainha. Essa experiência foi muito rica e fecunda, porque, através do contato diário com as pessoas, permitiu-nos ter uma visão do campo de apostolado que nos esperava. As pessoas viam já as irmãs da Providência, como suas irmãs e as esperavam com impaciência.

Nos meses de Janeiro e fevereiro de 2014 uma irmã participou da Assembleia diocesana e esteve presente na programação paroquial enquanto era preparada a casa para a Comunidade religiosa.

O dia da abertura oficial da Comunidade, foi 25 de março de 2014, teve início com uma belíssima celebração Eucarística presidida pelo Bispo e concelebrada por quatro sacerdotes, com grande participação do povo da cidade. Estavam presentes, além da superiora provincial, as irmãs da comunidade de Santa Rita



com um bom grupo de leigos.

O bispo, então, trouxe Jesus Eucarístico na capelinha da Comunidade. Foi um momento forte de oração seguido pela bênção da casa e das quatro irmãs que começaram a viver junto, em Seu nome, com a presença da Eucaristia, daquele que é indispensável à vida da missão; é este um imenso dom pelo qual nunca conseguiremos agradecer.

Hoje podemos dizer com clareza que a missão das Irmãs da Providência nesta cidade é a de ser uma comunidade de irmãs, que a exemplo do Padre Luís, se dedica mantendo os olhos fixos em Jesus, para amar e servir com alegria os irmãos.

Durante estes primeiros meses vamos nos inserindo nas várias atividades pastorais da Paróquia para criar laços com as pessoas: crianças, jovens, idosos.

A visita às famílias faz com que cada irmã possa ouvir as alegrias, compartilhar as dificuldades que elas enfrentam na sobrevivência; na verdade há muitas situações de sofrimento e tanta na necessidade de compaixão e misericórdia. Por isso na oração diária estão presentes as situações que encontramos, e invocamos São Luís para que interceda e proteja este nosso povo.

A realidade envolve-nos profundamente e nos educa a ser solidárias, a desenvolver a cultura do encontro e da inclusão, como nos repete muitas vezes o Papa Francisco.

A cada dia, ressoam dentro de nós as palavras de nosso amado Padre Luís: “Tenha gosto em servir Jesus Cristo na pessoa destes irmãos”. Esta é a alegria da evangelização. Jesus nos repete isso: “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância”. (Jo 10,10)

Ir. Joana Aparecida, Ir. Maria Alaíde, Ir. Moli e Ir. Crislaine

A cidade de Paudalho foi fundada pelos padres franciscanos no final de 1600, partindo de uma aldeia indígena, cerca de dois quilômetros do Rio Capibaribe. Logo aí, foi construída uma usina de açúcar e em torno a ela se deu o crescimento do vilarejo e a seguir a fundação da cidade de Pau de alho, que depois foi chamada Paudalho, originária de uma árvore secular nas margens do Rio Capibaribe, que exala um cheiro parecido ao do alho. Paudalho está localizada a 55 km de Recife, capital do estado de Pernambuco e hoje tem 55.000 habitantes..

DIZER DEUS NO RELACIONAMENTO

NULLA NADA SERÁ COMO ANTES

Estamos vivendo uma virada de época, mas não sabemos para onde vamos indo e o que deveremos deixar às costas. Temos porém algumas certezas:

- terminou uma sociedade piramidal, na qual quem conta está no vértice e faz descer as suas decisões sobre a base;
- como consequência terminou a ideia de um ente supremo, sempre igual a si mesmo, de quem deriva tudo o que existe, até as partículas subatômicas.

- Portanto, se hoje apresentamos o Deus cristão como o ser perfeíssimo, imutável, falamos de um ser que não tem mais nada a dizer ao nosso tempo;

- somos ‘descendentes’ e ‘antecipadores’, pessoas que estão a Oeste onde o sol morre, e a Leste onde o sol nasce (Nietzsche)

- nada será mais como antes.

Devemos, portanto, reinventar também o nosso modo de dizer Deus e de acredita-lo. Não dispomos de um fio de sutura para remendar o passado. Somos obrigados a romper. Somos chamados a viver em uma situação perigosa para a nossa fé.

REINVENTAR A FRATERNIDADE

A primeira ruptura trata o modo de pensar e organizar a sociedade e a Igreja. Temos que passar do medo à convivência, isto é, um sentimento de confiança que é o elo fundamental das sociedades modernas.

Tem ainda sentido a fraternidade em nossas cidades multiétnicas? Era a palavra de ordem da sociedade democrática, filha das revoluções francesas e americana.

A fraternidade ainda tem sentido, se nós a podemos reinventar, imaginar de novo. Mas o devemos fazer junto, de modo interpessoal. O problema do antigo homem grego é semelhante ao nosso: as suas capacidades funcionavam apenas dentro da polis. Sem a Comunidade se tornam virtude reservada a um pequeno grupo de iluminados, que vivem

em um mundo a parte.

São os relacionamentos que nos tornam capazes de fraternidade. Da sabedoria da experiência missionária chego a algumas ações, necessárias para reinventar a fraternidade:

- sentar-se
- ficar aí
- estar ao lado de
- remover qualquer desigualdade
- ouvir
- sentir compaixão
- deixar-se cuidar.

Fraternidade é cuidar do outro. Mas é muito mais: é deixar-se cuidar e isto significa reconhecer a própria vulnerabilidade, que é superior à



fragilidade do outro. Especialmente quando os nossos cuidadores são os pobres com quem habitamos isto dissolve os medo, diante das ameaças da vida e se descobre que “no início havia o vínculo”.

DIFERENÇA E VÍNCULO

Quando nos deparamos diante de outra pessoa, fazemos antes de tudo a experiência da separação. Na sociedade multiétnica a diversidade tem um grande impacto. Falamos e não nos compreendemos. Todavia, esta separação é a condição de partida para poder olhar o outro e o mundo, acolhendo a sua existência. A condição de separação, que re-
donda frequentemente em fenôme-

nos de exclusão, é também o ponto de partida para poder dizer: “você existe; você, homem como eu; você, mundo ao redor e dentro de mim; por isso te acolho benevolmente”. A separação marca a diferença: eu e o outro não somos a mesma coisa; ele não pode se tornar uma minha dependência; eu não sou o mundo; eu não sou Deus. A separação evidencia que a diferença contém um elo. Exatamente porque “eu não sou você”, podemos caminhar junto. A diferença e a ligação não são realidades relativas, mas relacionais.

DEUS ESTÁ NO RELACIONAMENTO

Há não há fórmulas para circunscrever e definir quem seja Deus. Muitas vezes porém temos encontrado e reconhecido a presença do divino em nossos laços existenciais. Como o Deus bíblico, o laço é uma fronteira, que nos limita e nos abre. Nascermos e crescermos sempre “ligados a”.

A ética define o bem e o mal em relação aos laços compartilhados: os valores. Deus está no elo: está no limite que impede de tratar o outro como um objeto ou um instrumento. Mas Deus é também aquela porta que abre para a relação com o outro homem e com o mundo a ponto de se assumir-cuidados-de.

Quanto mais o mundo é habitado por laços, mais é um mundo aberto e capaz de construir novos laços.

A Cruz de Cristo é a expressão do valor supremo do vínculo. O Deus crucificado é o Deus do vínculo: é “para”, “com” e “para sempre”.

Se Deus é o vínculo, podemos voltar a dizer Deus através dos vínculos. O vínculo cria a possibilidade de movimento, de encontro, de comunicação e de dom. Somos chamados a ser uma Igreja que sai e que entra, permitindo o movimento fundamental de comunicação entre o “dentro” e o “fora” da vida.

Estamos ligados uns aos outros porque antes nos separamos e nos tornamos estrangeiros. Justamente quando experimentamos a



estranheza, sentimo-nos obrigados a hospitalidade mútua: pedir e doar acolhida. Se o laço é começo, a hospitalidade é ao mesmo tempo acolher e enviar.

OS COMPANHEIROS CERTOS

Nestes anos nos encontramos navegando em mar aberto, sem cartas náuticas. Fomos convidados a inventar um novo mundo; desorientados, mas membros de uma sociedade aberta que pode viver também a fé de modo aberto.

O nosso problema é escolher os companheiros certos da rota. Em nossas cidades e Igrejas, há companheiros de caminho que não estão dispostos a este esforço de imaginação para dar um novo rumo ao futuro, porque estão movidos por uma preocupação conservativa. Para escolher os companheiros certos precisa identificar as palavras fundamentais, que compõem o “abc” da ligação:

- *reconhecimento recíproco*: em assumir o cuidado dos outros, reconhecemos que suas razões, os seus pensamentos, o seu mundo é tão importante ao menos quanto o nosso;
- *experiência e competência*: devemos reinventar o mundo, mas não começamos do zero: é importante valorizar os muitos conhecimentos que já estão em ato;

- *aprendizagem cooperativa*: todos aprendemos, se nos colocamos em busca e em círculo;
- *cidadania*: como seres humanos, somos portadores de direitos naturais, ligados ao mesmo fato de existir.

DIALOGAR PARA CRER

Este é o estilo de como nós cristãos podemos posicionar-nos na perspectiva da incerteza. Significa:

- valorizar o pluralismo, não como uma forma de relativismo da verdade, mas como reconhecimento de que a sabedoria do mundo vem à luz nas culturas dos povos;
- retornar ao criado, isto é, redescobrir que somos apenas parte e não

podemos ter um papel predominante;

- amar a incerteza, porque ela nos obriga a uma busca de significado de que não podemos fazer sozinhos, fechados dentro de nossas Igrejas, mas com todos.

A questão do diálogo coloca a pergunta sobre os tempos do Evangelho. Nas Bem-aventuranças segundo Mateus, o presente é o tempo em que Deus irrompe e se manifesta como uma presença contínua: “Senhor, tu sempre estiveste aqui, mesmo se até agora os nossos olhos não te reconheceram”. O presente nos faz ver a realidade como uma rede interligada (interconexa) e em contínua expansão. O presente do Evangelho é saber ficar dentro desta rede, metáfora do Reino de Deus.



Além disso, há o passado. Para os cristãos, é um modo de tempo da mesma forma importante, porque somos aqueles da memória. Memória significa dizer o positivo que já está. Alguém passou antes de nós e fez coisas boas neste mundo. Nós somos as testemunhas e os guardiões. Ser pessoas do passado significa saber selecionar os valores e reconduzi-los às suas origens. Para nós cristãos cuidar dos valores não significa transformar as Igrejas em museus dos nossos valores, mas reinventá-los continuamente. O passado é a porta do futuro.

DOR E ALEGRIA

Se aceitarmos reescrever o nosso estilo de Igreja à luz da fraternidade, o estar no mundo é para nós dor, porque é compaixão pelo sofrimen-

to dos pobres. Mas também é felicidade, porque descobrimos a presença de Deus naqueles que estão fazendo experiência de fragilidade. Estamos na sua companhia no atual processo de desertificação do mundo e reconhecemos que Jesus nos vem ao encontro: o deserto não é só o espaço da desolação e da morte; é também o tempo em que se sente mais intensa a voz da separação, a palavra da alteridade.

A separação torna-nos abertos à hospitalidade e nos leva a praticá-la. Hospedar significa ter conosco alguém que dá uma virada ao nosso caminho: lhe podemos pedir ajuda. Isto nos faz revirar a perspectiva de como olhamos as coisas: é o poder da compaixão, do dom. É o poder que nos é confiado pelos excluídos.

DIZER DEUS NO TEMPO DE INCERTEZA

Hoje se diz Deus de muitas maneiras. O nosso é um. O que conta é dizer Deus. Todos os linguajares que o fazem são belos. Depois precisa dizer Deus dizendo conexões em um mundo sempre em movimento. Isso comporta a renúncia à ideia de que a verdade seja um tesouro do qual

somente nós temos o mapa. Crer que o Magistério católico é guardião da verdade significa trabalhar para que ele esteja sempre na vanguarda na busca da verdade. Finalmente, se Deus está no vínculo, então vale apenas comprometer-se, misturar-se, doar-se. Se no encontro da hospitalidade aprendemos a sabedoria do mundo, chegaremos a dizer Deus também com as palavras de outras culturas e religiões. Cruzar a nossa linguagem é a condição para poder dizer com alegria, junto aos outros, o Deus do Evangelho no tempo de incerteza.

De: “Missione Oggi” n° 7 ano 2014 -
Articolo de don Paolo Boschini
- Texto livremente reduzido

UMA SEMANA ESPECIAL

Em Ahepé (Togo), de 14 a 18 de julho de 2014, duzentas crianças da escola primária com seus professores, e as irmãs da Comunidade, viveram a “semana cultural”. Começou em nome do Senhor, com a celebração Eucarística. Desenvolveram-se depois diversas atividades, cada uma com um objetivo bem preciso. Corrida pelas ruas da aldeia cantando batendo tambor e espalhando alegria e jovialidade. Concurso de leitura para atrair as crianças ao gosto da boa leitura que alimenta a inteligência, o coração e a alma. Encenações teatrais onde a criatividade pode encontrar terreno fértil. Desfiles, não de moda, mas de trajes tradicionais, um mais lindo que o outro. Partidas de futebol entre as várias classes e entre alunos e professores, eleição da miss escola... Tudo isso para dar qualidade à escola, mas principalmente para fazer com que a escola seja uma família, uma pequena Igreja, onde crianças e adultos se amam e, amando-se, sentem-se amados pelo Único Pai. Umapessoa,umafigura proeminentesedestacouesempreesteve presente: o nosso querido São Luís! Que ele continue a abençoar a nós suas filhas e a pupila do olho do Senhor que é o nosso povo.



COMO BARRO NAS MÃOS DO OLEIRO...



Domingo, 7 de setembro de 2014, na capela do noviciado de Lomé (Togo), presentes também as irmãs de Ahepé, e de Kouvé, as três postulantes Alice, Apolline e Larisse-Léa pediram publicamente à superiora provincial para

entrar no noviciado, Eis o seu pedido: “Durante o ano de postulado, aprofundamos o chamado para seguir Jesus e conhecemos mais de perto a sua Família religiosa. Hoje, confiantes na graça do Senhor, pedimos para ser admitidas ao Noviciado para sermos iniciadas na vida da Congregação seguindo as diretivas de Padre Luís. Para isso, pedimos-lhe humildemente para sermos ajudadas a entrar no seu estilo de vida, a nos enraizarmos em sua espiritualidade, a seguir Jesus pobre, casto e obediente. Pedimos ao Senhor a graça da disponibilidade para nos deixarmos formar. E vocês, irmãs todas, apoiem-nos com os seus conselhos e suas orações”.

Alice, Apolínea e Larissa Léa escolheram como guia para o caminho do seu noviciado a imagem do oleiro que molda a argila, segundo a Palavra de Deus em Jeremias 18,1-10 e a do tesouro e da pérola preciosa, segundo o Evangelho de Mateus 13, 44-46.

Confiamos as três noviças, juntamente com as outras jovens em formação, a oração de toda a Congregação.

15 16

CAMINHANDO JUNTAS

A partir de 1º de fevereiro de 2014 os dois noviciados distintos, o de São Luís (na Bolívia) e da Província Nossa Senhora Aparecida (no Brasil) foram unificados em um novo Noviciado Interprovincial com sede em Sorocaba, no Brasil.

Começou então, oficialmente, exatamente na mesma data em que nossas primeiras Irmãs, 177 anos atrás, escolheram para doarem totalmente suas vidas às meninas da Casa das “Derelitte” (abandonadas) em Údine.

Na solene Celebração Eucarística de início, pedimos a proteção das nossas primeiras Madres, para que nos abençoem e nos acompanhem nesta iniciativa da Família Religiosa, experiência de comunhão e de partilha.

A comunidade educativa é formada por quatro irmãs: irmã Fátima Simone Cremer como Mestra do Noviciado, irmã Elizete Bueno, irmã Rosangela Maria da Silva e irmã Maria Leopoldino que colaboram com ela também pela pastoral vocacional.

A experiência começou com duas jovens, Maria das Dores José dos Santos (brasileira) e Noelia Coca Ledezma (boliviana) que, desde fevereiro, viveram a preparação para a entrada no noviciado. Do dia 8 de setembro, festa da Natividade de Maria, elas iniciaram o seu caminho formativo próprio de noviciado.

A Providência, também, nos permitiu de iniciar a experiência internacional como aspirantado; de fato desde Janeiro, vive conosco a jovem Argentina Ayelen Natali; com outras três jovens brasileiras, Jacinta, Marcela e Tamires, formam um grupo animado, seguido por irmã Maria.

Agradecemos de coração ao Senhor pelo dom destas jovens, O invocamos para que as guarde no seu amor e conserve em seus corações o entusiasmo e a alegria de segui-lo na vida consagrada. Pedimos confiantes que a Família religiosa cresça em santidade e possa alegrar-se em toda parte com vocações fortes e generosas.



Redação
Suore della Provvidenza
Casa Generale
Via Innocenzo IV, 16
00167 Roma
e-mail: sdp.casagen@fiscali.it

Sede da Província
Irmãs da Providência
Rua Laura Maiello Kook,793
Caixa postal 194
18001-970 SOROCABA SP
e-mail: secreteria.provual.com.br